



ETNOMATEMÁTICA EM DEBATES INTERCULTURAIS: O ELO DAS RELAÇÕES COMÉRCIAIS E DA CULTURA NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES INDÍGENAS

Matheus Moreira da Silva¹

José Pedro Machado Ribeiro²

RESUMO

Esse trabalho realiza reflexões por meio das experiências vivenciadas no Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática, nível Mestrado, no desenvolvimento do estágio docência feito no curso de Educação Intercultural Indígena da Universidade Federal de Goiás no ano de 2017, sobre as relações comerciais no processo formativo indígena à luz da Etnomatemática no tema contextual “Cultura e Comércio” durante a etapa presencial dos estudantes indígenas de várias etnias. Foi realizado uma revisão da literatura em várias obras de Quijano (2000), D’Ambrosio (2006), Ribeiro (2006), Barbieri (2014) e Silva (2018), amparada pela pesquisa etnográfica. Neste texto são discutidos os diversos encontros ocorridos, no qual houveram processos de trocas de conhecimentos e discussões sobre relações comerciais no qual, foi consolidando-se às aspirações de cada povo. À vista disso, essas reflexões à luz da Etnomatemática, possibilitaram uma maior interação e liberdade, aos povos indígenas, frente a determinados “padrões” e ações de comportamentos que ocorreram e ocorrem frente a cultura ocidental. Desta forma, proporcionaram aos estudantes indígenas conhecerem a realidade do outro, ou seja, uma troca de vivência, experiência e conhecimento em torno das relações comerciais.

Palavras-chave: Relações Comerciais; Professores Indígenas; Biopirataria; Etnomatemática.

¹ Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática/UFG. matt.moreira.pet@gmail.com

² Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática/UFG. zepedro@ufg.br

1 O CURSO DE EDUCAÇÃO INTERCULTURAL INDÍGENA: DEBATES OUTROS NO PROCESSO FORMATIVO

Temos por objetivo, apresentar o desenvolvimento do Tema Contextual “Cultura e Comércio”, componente curricular do Curso de Educação Intercultural da Universidade Federal de Goiás (UFG), no período de 23 a 28 de janeiro de 2017. Esse tema foi composto por estudantes de diversas etnias como Krikati, Krahô, Xavante, Tapirapé, Xerente, Guajajara, Kuikuro, Canela, Karajá, Kalapalo, Gavião, Apinajé, Mehinaku. Esta variedade de estudantes contribuiu para as reflexões do tema.

À vista disso, iniciamos este artigo contextualizando alguns aspectos do universo formativo dos futuros professores indígenas matriculados no curso de Educação Intercultural da UFG. Desta forma, mediante Universidade Federal de Goiás (2010, p. 11).

O eixo de sustentação do curso de Educação Intercultural Indígena aqui proposto são a *Diversidade* e a *Sustentabilidade*, definidos com base na realidade das sociedades indígenas, no reconhecimento da diferença étnica, na situação em que cada comunidade vive e no seu relacionamento com outros povos. Levaram-se em conta tanto os contextos culturais, linguísticos, políticos e econômicos quanto os relacionamentos cotidianos dessas sociedades [...]

Um dos propósitos do curso da UFG é contribuir, de várias formas, com os professores indígenas na busca de soluções de problemas que eles enfrentam no cotidiano, desde a profissionalização ao fortalecimento das culturas e línguas. Desta forma, o Projeto Pedagógico do Curso (PPC), permite o futuro professor indígena trabalhar e discutir o ensino monolíngue, bilíngue e plurilíngue, além de ser capaz de contribuir para a melhoria do ensino em sua comunidade.

À vista disso, foi criado um curso cuja duração/formação é de cinco anos, contemplada em dois momentos: a formação básica, com duração de dois anos, e a específica, com três. O objetivo principal do curso é habilitar os professores indígenas em Educação Intercultural da UFG, para que possam lecionar em escolas indígenas do Ensino Fundamental e Médio de suas aldeias, atendendo a demanda das comunidades.

A proposta do curso está amparada pela *Constituição Federal de 1988*, que reconhece o direito linguístico e cultural. Dessa forma, os povos indígenas possuem direito a uma Educação Superior diferenciada, específica, intercultural e qualitativa, conforme Brasil (1998, artigo 215): “[...] o Estado protegerá as manifestações das culturas populares, indígenas e afro-brasileiras, e das de outros grupos particulares do

processo civilizatório nacional [...]”. De acordo com a Universidade Federal de Goiás (2010, p. 28):

O texto constitucional rompeu com as políticas integracionistas de homogeneização cultural e étnica e estabeleceu um novo paradigma com base no pluralismo cultural, no qual se insere o direito a uma educação escolar específica. Garante o respeito aos seus processos próprios de aprendizagem, inclusive assegurando que o ensino seja feito na língua materna dos índios, como meio de comunicação e aprendizagem.

A formação intercultural prioriza a autonomia do sujeito e o fortalecimento das etnias no atual contexto de confrontos, embates e dialógicos de interesses opostos alvidrados pela sociedade envolvente. Destarte, por parte dessa autonomia e dos confrontos aqui elencados, foram pensados e estruturados temas contextuais a serem estudados em ambas as matrizes curriculares, para fornecer aos futuros professores subsídios para a construção de uma metodologia alternativa e de projetos que contemplem a realidade sociocultural de cada povo e favoreça sua formação.

2 OS MOVIMENTOS FORMATIVOS À PARTIR DA BUSCA DO CONHECIMENTO INTERCULTURAL

O curso de Educação Intercultural da UFG possui um currículo formativo constituído por uma Matriz Básica e uma Matriz Específica, sendo que está possui três habilitações. Ambas são compostas por temas contextuais, áreas de conhecimentos e contextuais, estudos complementares e estudos em terras indígenas.

As habilitações de conhecimentos pertencentes ao curso são: “Ciência da Cultural, da Linguagem e da Natureza”, sendo que elas são correlacionadas umas com as outras. O currículo está baseado na transdisciplinaridade e na interculturalidade, de forma mútua e dialógica. O currículo concebido dessa forma, (crítica), evidencia o caráter cultural, econômico, histórico e político. Essa proposta possibilita aos futuros professores indígenas uma formação capaz de construir uma nova base educacional de caráter antropológico e considerar/respeitar/lidar com a diferença e, outro.

Dentre os diversos temas contextuais que o curso de Educação Intercultural da UFG aborda, promoveremos reflexões vinculadas à matriz de Formação Básica, sobre o tema contextual “Cultura e Comércio”. Esse tema estabelece um espaço educativo de debate e reflexão a respeito das relações comerciais tradicionais e atuais de cada cultura/povo, tomando como orientação suas transformações ocorridas ao longo da

História. A matriz curricular do referido tema contextual tem como núcleo de natureza obrigatória aos discentes ingressantes no curso e perfaz uma carga horária de 36 horas/aula.

Esse tema contextual é de fundamental importância para a formação do professor indígena. Seu propósito é discutir a concepção de sistemas de trocas comerciais; transações e relações comerciais tradicionais; moedas e valores de produtos comerciáveis; e relações comerciais entre povos/culturas e suas mudanças ao longo da História. Um dos objetivos do tema contextual aqui discutido, parte da promoção de situações de aprendizagem por meio do manejo e da reflexão sobre instrumentos lúdicos que abordam relações monetárias e comerciais presentes em distintos contextos socioculturais.

3 O TEMA CONTEXTUAL “CULTURA E COMÉRCIO” NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES INDÍGENAS

Considerando o campo da Etnomatemática³, num viés textual discursivo, em prol de alcançar nosso objetivo, foi desenvolvida uma investigação reflexiva de caráter qualitativo de cunho etnográfico com os alunos indígenas⁴ do curso de Educação Intercultural da UFG à luz da Etnomatemática, no ano de 2017, frente as relações comerciais, no tema contextual “Cultura e Comércio” – componente curricular da Matriz de Formação Específica. Foi utilizado o método etnográfico como essencial instrumento das reflexões. Para Duarte (2002, p. 36):

Uma pesquisa é sempre, de alguma forma um relato de longa viagem empreendido por um sujeito cujo olhar vasculha lugares muitas vezes já visitados. Nada de absolutamente original, portanto, mas um modo diferente de olhar e pensar determinada realidade a partir de uma experiência e de uma apropriação do conhecimento que são, aí sim, bastante pessoais

Desse modo, foi desenvolvida reflexões, juntamente com 37 alunos⁵ de diversas etnias, na etapa presencial, na UFG, acerca do tema contextual “Cultura e Comércio”.

³ Etnomatemática é reconhecer a cultura plural, responsável pela constituição e elaboração de um padrão social e educacional que responda aos anseios do seu povo. Está a serviço da construção da responsabilidade cultural e da cidadania. A Etnomatemática é uma abordagem histórico-cultural. Esse programa valoriza estas diferenças e afirma que toda a construção do conhecimento é válida e está intimamente vinculada à tradição, à sociedade e à cultura de cada povo.

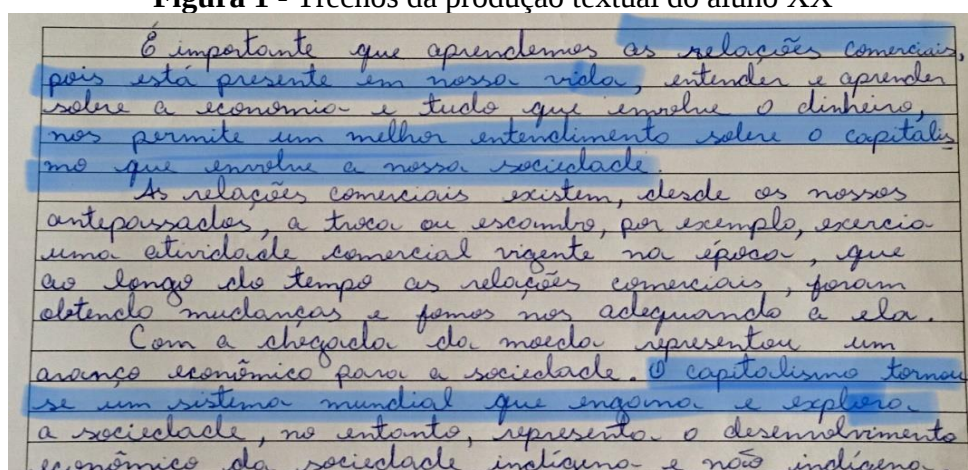
⁴ Ingressantes no curso de Educação Intercultural da UFG em 2016.

⁵ Realizamos um recorte temporal quanto a análise dos dados, selecionamos atividades que incorporassem os propósitos deste artigo, sem nomear os sujeitos.

Nosso propósito foi conhecer e estabelecer um contato com o contexto sociocultural e comercial dos alunos.

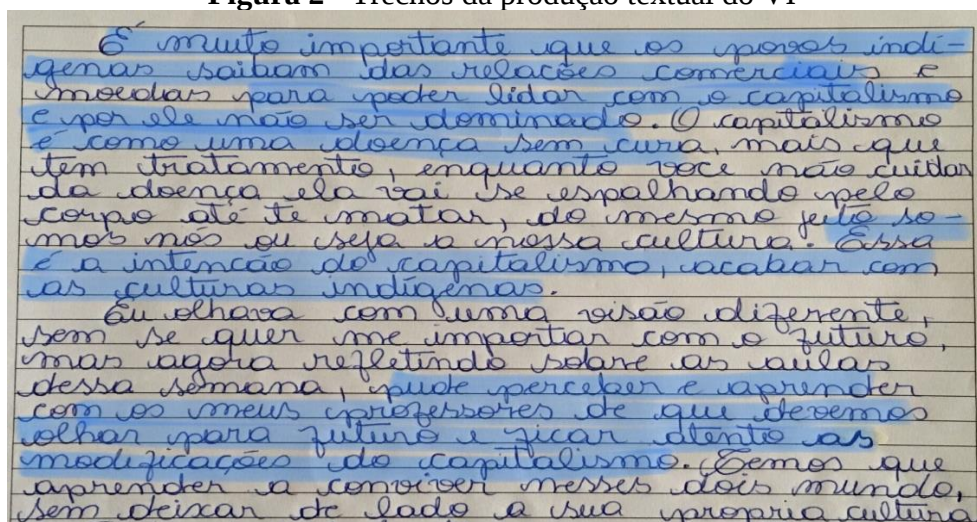
No tocante as reflexões, participamos das atividades desenvolvidas pelos professores do tema que relacionam a cultura e as relações comerciais tradicionais de cada povo e as da sociedade envolvente, nas dependências do Núcleo Takinahaky de Formação Superior Indígena (NTFSI). Além das atividades do tema contextual, tivemos a oportunidade de compreender as pluralidades culturais e comerciais dos povos indígenas. O objetivo foi conhecer, de forma mais abrangente, a realidade das várias etnias e sua organização comercial frente aos “vários mundos”. Almejado o contato com os sujeitos, surgiram vários questionamentos ao longo das observações e das aulas do tema contextual. Os alunos sempre indagavam, questionavam e elaboravam questões acerca do impacto do capitalismo em seus comércios e em suas terras.

Figura 1 - Trechos da produção textual do aluno XX



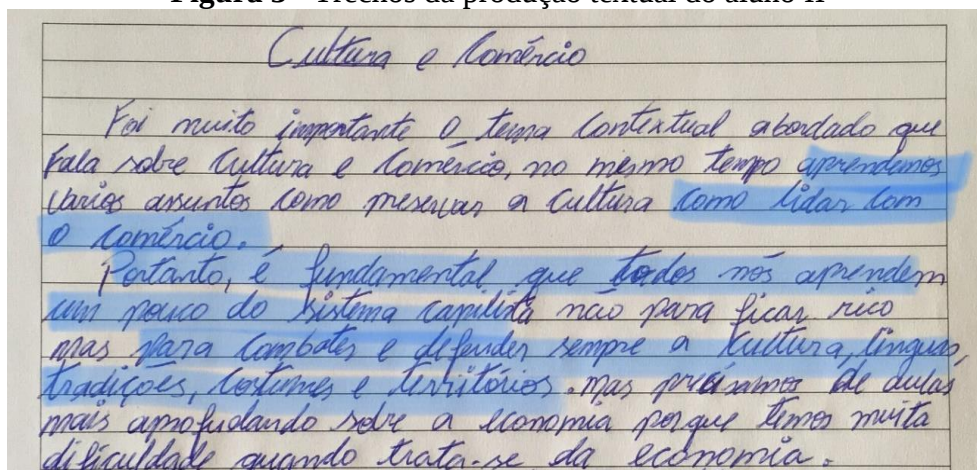
Fonte: acervo pessoal dos cursistas (grifo nosso)

Os questionamentos surgiram em virtude de inquietações, lutas e dos conflitos vivenciados historicamente pelas etnias dos alunos indígenas da UFG, em que foram constatadas várias problemáticas quanto à influência (manipulação) do capitalismo no comércio tradicional. Nessa perspectiva, compreende-se a importância de relatar alguns destes frente às atividades desenvolvidas, dos alunos cursistas, que substanciam nossa reflexão acerca da importância do mesmo para a formação indígena.

Figura 2 - Trechos da produção textual do VI


É muito importante que os povos indígenas saibam das relações comerciais e moedas para poder lidar com o capitalismo e por ele não ser dominado. O capitalismo é como uma doença sem cura, mais que tem tratamento, enquanto você não cuidar da doença ela vai se espalhando pelo corpo até te matar, do mesmo jeito só-
mos nós que usamos a nossa cultura. Essa é a intenção do capitalismo, acabar com as culturas indígenas.
Eu olhava com uma visão diferente, sem se quer me importar com o futuro, mas agora refletindo sobre as aulas dessa semana, pude perceber e aprender com os meus professores de que devemos olhar para futuro e ficar atento as modificações do capitalismo. Semos que aprender a conviver nesses dois mundo, sem deixar de lado a sua própria cultura.

Fonte: acervo pessoal dos cursistas (grifo nosso)

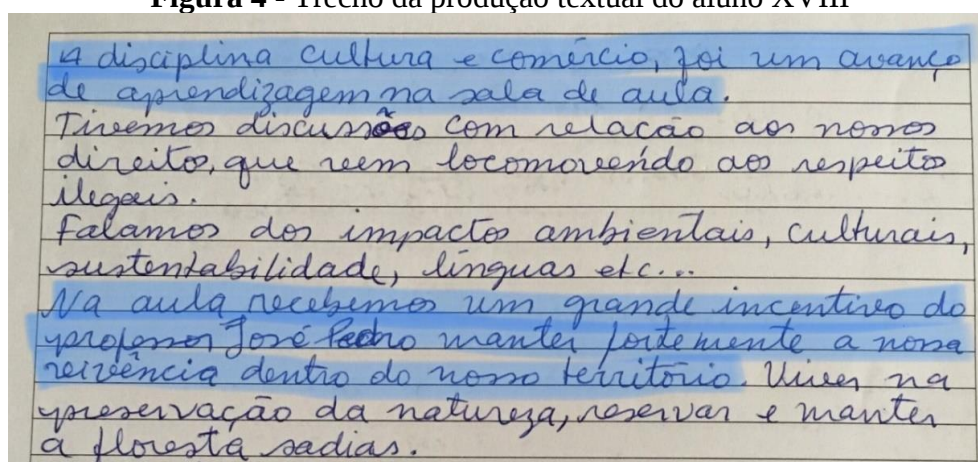
Figura 3 - Trechos da produção textual do aluno II


Cultura e Comércio

Foi muito importante o tema contextual abordado que fala sobre cultura e comércio, no mesmo tempo aprendemos coisas novas como misturar a cultura como lidar com o comércio.
Portanto, é fundamental que todos nós aprendam um pouco do sistema capitalista não para ficar rico mas para combater e defender sempre a cultura, língua, tradições, costumes e territórios. Mas precisamos de aulas mais aprofundando sobre a economia porque temos muita dificuldade quando trata-se da economia.

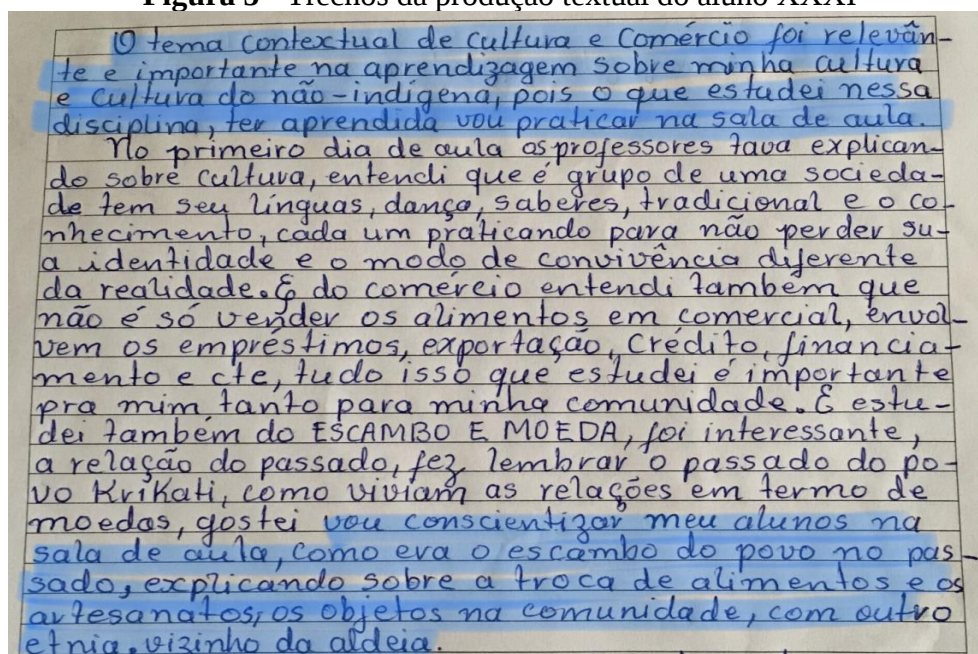
Fonte: acervo pessoal dos cursistas (grifo nosso)

Percebe-se, nos escritos supramencionados dos alunos, a existência da consciência do propósito do mundo ocidental. Para Walsh (2009, p. 14), essa ligação que os alunos fazem com o capitalismo parte da ideia de colonialidade do poder: “[...] foi estabelecida uma hierarquia racializada: brancos, mestiços índios, negros, quilombolas afro-descendentes e entre outros, apagando sua diferença histórica, cultural e linguística, como identidades culturais comuns e negativas”. O “valor humano” destes seres, por suas raízes ancestrais, é marcado pela exclusão, discriminação e opressão que os distanciam da sociedade, da prática comercial e da modernidade ocidental.

Figura 4 - Trecho da produção textual do aluno XVIII


A disciplina cultura e comércio, foi um avanço de aprendizagem na sala de aula. Tivemos discussões com relação aos nossos direitos, que vem locomovendo aos respeito legais. Falamos dos impactos ambientais, culturais, sustentabilidade, línguas etc... Na aula recebemos um grande incentivo do professor José Pedro manter fortemente a nossa rejeição dentro do nosso território. Viver na preservação da natureza, reservas e manter a floresta sadias.

Fonte: acervo pessoal dos cursistas (grifo nosso)

Figura 5 - Trechos da produção textual do aluno XXXI


O tema contextual de cultura e Comércio foi relevante e importante na aprendizagem sobre minha cultura e cultura do não-indígena, pois o que estudei nessa disciplina, ter aprendida vou praticar na sala de aula. No primeiro dia de aula os professores tava explicando sobre cultura, entendi que é grupo de uma sociedade tem seu línguas, dança, saberes, tradicional e o conhecimento, cada um praticando para não perder sua identidade e o modo de convivência diferente da realidade. E do comércio entendi também que não é só vender os alimentos em comercial, envolvem os empréstimos, exportação, Crédito, financiamento e etc, tudo isso que estudei é importante pra mim tanto para minha comunidade. E estudei também do ESCAMBO E MOEDA, foi interessante, a relação do passado, fez lembrar o passado do povo Krikati, como viviam as relações em termo de moedas, gostei vou conscientizar meu alunos na sala de aula, como era o escambo do povo no passado, explicando sobre a troca de alimentos e os artesanatos, os objetos na comunidade, com outro etnia, vizinho da aldeia.

Fonte: acervo pessoal dos cursistas (grifo nosso)

Os trechos escritos das produções textuais dos alunos possibilitaram-nos aprofundar em nossas reflexões acerca do tema contextual. Por meio do discurso dos alunos, pudemos compreender a importância do mesmo para sua formação, bem como a realidade cultural, social e econômica vivenciada pelos povos indígenas. É visível que os alunos apontam situações vivenciadas, (vide figuras 1 a 5), as quais eles gostariam de transformar dadas as relações comerciais.

Essa articulação entre debates sobre as explorações em contextos indígenas e a atividade valoriza a cultura e o comércio tradicional e proporciona um espaço de diálogo, esperança e sonhos que contribui para o fortalecimento da cultura.

É possível perceber nos escritos a importância do tema para a formação do aluno indígena. Alguns relatam a complexidade, relevância e importância do tema para a preservação da cultura e do comércio indígena: “o tema contextual de cultura e comércio foi relevante e importante na aprendizagem [...] o que estudei nessa disciplina, ter aprendido vou praticar na sala de aula” (aluno XVIII).

Pelos discursos, percebemos que o tema contextual é de suma relevância e está a serviço da mudança a favor da atual realidade comercial da população indígena e de sua conscientização crítica da realidade econômica e sociocultural, bem como da promoção de autnomias para que os alunos possam enfrentar as transformações econômicas em diversas situações vividas.

À vista disso, nossa análise com abordagem à luz da Etnomatemática foi fundamental, porque nos possibilitou compreender as concepções dos professores indígenas mediante as relações comerciais praticadas tanto em contexto tradicional, quanto no da sociedade envolvente.

O tema contextual possibilitou aos indígenas um contato com às práticas comerciais tradicionais e seus direitos que as fortifica em prol dos valores pertencentes às populações envolvidas no processo formativo (SILVA, 2018). Para tanto, essa abordagem com a aproximação à Pedagogia Decolonial⁶ possibilitou um caminho significativo para a construção dos saberes/fazeres do comércio e, conseqüentemente, uma nova face para os comportamentos dos indivíduos nesse contexto.

O programa Etnomatemática como é discorrido por Ribeiro (2006, p. 108), nos conduziu à: “apreensão dos indivíduos, por um lado, voltados internamente”, trazendo uma assimilação de si próprios, das formas de sentir, imaginar, raciocinar, recordar, decidir, contar e interferir no seu meio.

4 CONTRIBUIÇÕES PARA A FORMAÇÃO DOS PROFESSORES INDÍGENAS

Mediante o contexto analisado e o aporte teórico, ficam evidenciadas as reflexões, potencialidades, contribuições essenciais do tema contextual “Cultura e Comércio” e a

⁶ Para Walsh (*apud*, SILVA, 2018), tendo como referência os movimentos sociais indígenas equatorianos e dos afro-equatorianos, a decolonialidade – Pedagogia Decolonial –, implica a desumanização e considera as lutas dos povos historicamente subalternizados pela existência, para a construção de outros modos de viver, de poder e de saber. Desta forma, decolonialidade é visibilizar as lutas contra a colonialidade a partir das pessoas, das suas práticas sociais, epistêmicas e políticas.

importância de se debaterem relações comerciais tradicionais, e da sociedade envolvente para os professores indígenas que estão em formação na UFG.

Por meio das informações aqui elencadas, percebemos que esse espaço, proposto pelo tema, desperta no aluno: intenções e novas buscas de ação crítica e consciente em sua realidade; o valor econômico de seus produtos e artesanatos, na busca pela transcendência e luta como meio para realização de seus sonhos e expectativas futuras frente ao comércio; reflexão acerca da tecnologia como instrumento do capital, influenciando as relações comerciais; o desejo de que as relações do passado não desapareçam; e os impactos devastadores que o capitalismo e o dinheiro provocaram, e vem provocando, nas culturas dos povos indígenas. Desta forma, Barbieri (2014, p. 132) argumenta:

Sabemos que os povos indígenas no Brasil têm um vastíssimo patrimônio cultural, comercial e imaterial, advindo dos seus padrões de comportamentos, símbolos e significados e não têm a verdadeira noção do valor econômico de seus conhecimentos e práticas culturais tradicionais, merecendo maior proteção jurídica.

E a caminhada não encerra por aqui. Como nos coloca Freire (2014, p. 55), “o homem, como ser histórico, inserido num permanente movimento de procura, faz e refaz constantemente o seu saber”. O importante é haver um espaço no qual o conhecimento e envolvimento do indígena possibilite articulação e contato com os outros membros, sem comportamentos preconceituosos e exploratórios.

O tema contextual “Cultura e Comércio” contribui de diversas formas com os indígenas em formação, desde as relações comerciais tradicionais ao fortalecimento de suas práticas culturais. É possível perceber a variedade de informações e inquietações no cenário indígena. É por meio da diversidade de saberes que percebemos uma luta pelo reconhecimento desses sujeitos e de suas vozes bem como uma população mais progressista quanto ao comércio indígena aqui debatido.

A valorização do comércio, as diferenças culturais e o respeito com o outro vieram ao encontro de nossas inquietações acerca das questões levantadas por esta pesquisa. Dentro desse cenário, surge uma enorme diversidade cultural, com modos próprios de enxergar o meio e o mundo capitalista.

Buscamos explicitar neste texto reflexões sobre as relações comerciais na formação inicial do professor indígena à luz da Etnomatemática do curso de Educação Intercultural da UFG, que estabelece laços mútuos e respeitosos com a cultura, em prol de um convívio

harmonioso e sem exploração. Concordamos com Ribeiro (2006, p. 177) quando confrontamos os dados com a realidade em questão:

A formação de professores indígenas aponta para uma atitude em prol da superação de “ignorância” entre “culturas”. Estou convicto de que a estrutura educacional sustentada por ações de respeito, reconhecimento, compreensão e valorização nas relações multiculturais, juntamente com a formação de professores, viabiliza o fortalecimento de todo o processo.

No cerne da formação dos professores indígenas, situaram práticas comerciais e práxis transformadoras no que tange ao processo formativo dos educadores indígenas. O diálogo aqui estabelecido à luz do Programa Etnomatemática proporcionou significativas argumentações reflexivas sobre as relações comerciais indígenas. A Etnomatemática é um caminho para leituras do mundo, buscando a valorização das diversas relações interculturais das diferentes populações. As pretensões principais deste escrito, pela formação do professor indígena e sua relação com a Etnomatemática, propiciam caminhos à valorização comercial tradicional e à prática formativa. Os dizeres afirmados por Ribeiro (2006, p. 181) nos confirma:

O processo formativo/educativo à luz de uma perspectiva Etnomatemática, por meio de práticas educativas autônomas, libertadora e interculturais, deve viabilizar a instauração do diálogo no encontro intercultural. Poderá levar, portanto, à construção de um mundo, em que as relações do indivíduo com o seu meio sociocultural, com o outro e consigo mesmo, proporcione um ambiente rico em harmonia e respeito mútuo em prol do estreitamento das tensões e conflitos coletivos, e consequentemente trilhando a paz entre todos.

Nesse contexto, o processo de formação é uma via que favorece o diálogo dos povos indígenas com os que detêm o tal “poder” nesta sociedade. A Etnomatemática emergiu como uma mola propulsora nas discussões comerciais dos indivíduos, possibilitando as relações, cada vez mais tênues. Desse modo, as atividades à luz da Etnomatemática despertaram nos alunos interações e atitudes por meio do diálogo, que expuseram seus projetos de vida, suas expectativas e concepções frente às relações comerciais no passado, presente e futuro, suas angústias, suas soluções, seus desejos, suas dúvidas, seus sonhos e outros elementos que influenciaram suas escolhas.

A partir dos relatos elencados, pudemos compreender um pouco a realidade cultural, social e econômica vivenciada pelos povos indígenas a partir do que descrevem os próprios indivíduos sobre cultura ocidental dominante. Pelo argumento supracitado, percebemos que o tema contextual é de suma relevância e está a serviço da mudança e conscientização crítica da realidade econômica indígena. À vista disso, percebemos que a temática possibilitou a liberdade de expressão dos alunos ao falar/relatar suas origens e os problemas decorrentes da exploração territorial e comercial. São percebidos, na

maioria das falas, o uso, o interesse e a perda de direitos em propriedades intangíveis suscetíveis a serem utilizadas comercialmente.

Esses problemas são decorrentes da matriz de poder ocidental discutidas por Quijano (2000). Não se trata somente de submeter militarmente os povos indígenas e dominá-los com o uso de força ou de exploração de seu comércio, senão fazer uma mudança radical nas formas tradicionais de conhecer o mundo e lidar com a realidade circundante, adotando como próprio do horizonte cognitivo o campo do dominador. Para Rousseau (1989, *apud* CABRAL, 2016) é a própria sociedade a responsável pela desigualdade, subalternação, injustiça e arbitrariedade comerciais existentes.

A nosso ver, o importante é compreender o “desconhecido”, problema esse para o qual não se tem uma compreensão. Nesse sentido, acreditamos que o debate sobre as relações comerciais no processo formativo indígena produz e socializa um novo conhecimento, sendo uma iniciativa por meio do tema contextual “Cultura e Comércio” que aproxima os alunos à realidade do mundo ocidental, contexto e realidade por vezes distintos e desconexos da educação indígena e do meio sociocultural.

Ademais, é essencial convergir um olhar para esse contexto específico. É de suma importância que os povos indígenas participem de suas culturas e defendam suas práticas comerciais para que sejam reconhecidas, valorizadas e preservadas frente à sociedade envolvente.

Entendemos que a leitura sobre o outro busca a valorização das relações de poder e proporciona um novo olhar para o capitalismo. Logo, elucidamos que um meio para motivar os alunos indígenas num curso sobre temas que abarcam as relações comerciais é uma oportunidade de diálogo e espaço para debaterem as problemáticas enfrentadas e vivenciadas. Assim, mais importante que o produto em si é o processo formativo. O desejável é que se cumpram as leis prescritas pela *Constituição Federal de 1988* e se reconheçam as produções tradicionais indígenas, bem como a promoção de autônias para que, os alunos possam enfrentar as várias transformações econômicas em diversas situações vividas.

Para que as lutas dos povos indígenas possam ter eficácia, é importante esclarecer as bases de uma prática transdisciplinar decolonial. Dessa forma, a abordagem à luz da Etnomatemática aqui estabelecida tornou-se fundamental, pois possibilitou ao professor indígena um caminho aos debates sobre as práticas comerciais e seus direitos, que as fortifica em prol dos valores pertencentes às populações envolvidas no processo

formativo. Para a Educação do futuro é necessário “situar os conhecimentos oriundos dos mais diversos contextos para que os indivíduos promovam reflexões sobre sua condição humana perante a era planetária que as civilizações estão presenciando na atualidade” (RIBEIRO, 2006, p. 107). Enquanto pesquisadores, acreditamos que este artigo é o início de um caminho melhor e sem (pré)conceitos e explorações aos povos indígenas, bem como a problematização da realidade vivenciada.

REFERÊNCIAS

- BARBIERI, S. R. J. **Biopirataria e povos indígenas**. 1. ed. São Paulo: Almedina, 2014.
- BRASIL. **Constituição federal de 1988**. Brasília: MEC, 1988.
- CABRAL, J. F. P. **Rousseau: desigualdade e contrato**. 2016. Disponível em <<http://brasilecola.uol.com.br/filosofia/rousseau-desigualdade-contrato.htm>>. Acesso em: 22 jan. 2018.
- D'AMBROSIO, U. **Da realidade à ação: reflexões sobre educação e a matemática**. 4. ed. Campinas: Summus, 1994.
- D'AMBROSIO, U. **Educação matemática da teoria à prática**. 23. ed. Campinas: Papirus, 2006.
- QUIJANO, A. **Colonialidade do poder, eurocentrismo e américa latina**. 1. Ed. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2000.
- RIBEIRO, J. P. M. **Etnomatemática e formação de professores indígenas: um encontro necessário em meio ao diálogo intercultural**. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 2006.
- SILVA, M. M. **Etnomatemática e relações comerciais na formação de professores indígenas**. Dissertação (Mestrado em Educação em Educação em Ciências e Matemática) – Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática, Universidade Federal de Goiás, 2018.
- UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS. Núcleo Takinahakỹ De Formação Superior Indígena. **Projeto Pedagógico do Curso de Educação Intercultural**, Goiânia, 2010.